

Necropolítica em *Certidão de óbito* de Conceição Evaristo

Necropolitics in Conceição Evaristo's Death Certificate

Eider Ferreira Santos¹

Resumo: Neste artigo analisa-se o poema *Certidão de Óbito* de Conceição Evaristo a partir de uma perspectiva metodológica que engloba três camadas de leitura, as quais contribuem para o adequado letramento literário e racial. Para tal, na primeira parte do texto, abre-se uma discussão teórica em torno do tema da leitura literária baseada em diferentes concepções leitoras tomadas enquanto metodologia para análise da poética. Em seguida, o texto poético é analisado considerando suas marcas poéticas próprias, outras textualidades como os Poemas Navio Negreiro (Castro Alves) e Essa Negra Fulô (Jorge de Lima) e a Música *Smália* de Emicida, todos dialogados a partir da dimensão Necropolítica de Mbembe (2003). Portanto, o referido trabalho é de caráter qualitativo, de natureza bibliográfica, ancorado nas proposições de leitura de Jauss (1979), Iser (1979), Hall (2003), Gomes (2010), Rouxel (2012), bem como nos dispositivos teóricos de Achele Mbembe (2003), Audre Lorde (2009) e Evaristo (2020) os quais dão conta de uma proposta de leitura calcada na literatura de autoria negra.

Palavras-chave: Conceição Evaristo. Leitura literária. Necropolítica.

Abstract: This article analyzes Conceição Evaristo's poem *Certidão de Óbito* from a methodological perspective that encompasses three layers of reading, which contribute to proper literary and racial literacy. For this, in the first part of the text, a theoretical discussion is opened around the theme of literary reading based on different reader conceptions taken as a methodology for analyzing poetics. Next, the poetic text is analyzed considering its own poetic markers, other textualities such as the Poems *Navio Negreiro* (Castro Alves) and *Essa Negra Fulô* (Jorge de Lima), and the song *Smália* by Emicida, all discussed from Mbembe's (2003) Necropolitics dimension. Therefore, the aforementioned work is qualitative in nature, bibliographic in nature, anchored in the reading propositions of Jauss (1979), Iser (1979), Hall (2003), Gomes (2010), Rouxel (2012), as well as in the theoretical devices of Achele Mbembe (2003), Audre Lorde (2009), and Evaristo (2020), which account for a reading proposal based on literature by Black authors.

Keywords: Conceição Evaristo. Literary reading. Necropolitics.

1. Doutor em Crítica Cultural pela Universidade do Estado da Bahia-UNEB; Membro do Grupo de Pesquisa em Educação, Resiliência e Linguagens (GEREL-UNEB); Professor de Língua Portuguesa da Rede Estadual de Educação da Bahia. E-mail: eiderferreira@hotmail.com. [ORCID](#)

Submissão: 15 mar. 2026 ⇌ Aceite: 20 mai. 2026

Nos últimos anos muito se têm discutido a respeito dos diferentes tipos e modos de letramentos no contexto escolar, em vista da formação mais completa do estudante, encarado, a partir de agora, como sujeito e leitor real. Não diferente, na condição de professor e pesquisador no campo das Letras, tenho me preocupado com os rumos da leitura literária na escola, seja por pelas dificuldades, ainda persistentes, de acesso ao livro, à leitura literária e à leitura literária de autoria negra. Essa constatação me faz compreender que, antes de ensinar a ler, torna-se fundamental passar pela experiência da leitura, condição para que o professor possa, efetivamente, mediar outras experiências de leitura.

Por esse viés, compreendo a importância do letramento literário no contexto escolar, enquanto ação em vista da formação humana e crítica de professores e estudantes, encarados como sujeitos que pensam, vivenciam e crescem juntos no processo de leitura. Todavia, ao docente é necessário antecipar-se num contato mais profundo com o texto literário, preâmbulo fundamental, entendo, para uma prática que conduza à uma formação efetiva do leitor literário no contexto escolar. Mais que isso, há uma necessidade, urgente, de nós, professoras e professores, responsáveis pela formação de leitores no Brasil, provocarmos práticas e metodologias que possam ser testadas e colocadas à disposição de nossos estudantes em vista de melhoria contínua do letramento literário em geral e do letramento literário racial, de modo particular.

Mediante o exposto, objetivo aqui analisar o poema *Certidão de Óbito* de autoria de Conceição Evaristo a partir de uma perspectiva metodológica que engloba três camadas de leitura a saber, as pistas do próprio texto, leitura intertextual e ampliação dos sentidos de leitura numa perspectiva Necropolítica. Para tal, em primeiro lugar, apresento uma discussão teórica em torno do tema da leitura baseada diferentes concepções de leitura e ancoradas nas proposições de Jauss (1979), Iser (1979), Hall (2003), Gomes (2010), Rouxel (2012).

Portanto, o referido trabalho é de caráter qualitativo, de natureza bibliográfica, pautado no princípio de que a experiência de leitura pode se dá a partir de diferentes “horizontes de expectativas” (Jauss, 1979). A referida proposta quer experienciar três possibilidades de leitura da poética de Conceição Evaristo compreendendo-a como um caminho metodológico de leitura que sirva para o letramento literário de modo a explorar o texto a partir de diferentes dimensões. Na primeira, a construção de sentido a partir das marcas poéticas do texto; a segunda numa dimensão dialógica com outras textualidades como os Poemas Navio Negroiro (Castro Alves) e Essa Negra Fulô (Jorge de Lima) e a Música *Smália* de Emicida e, por fim, em diálogo com o conceito de Necropolítica de Mbembe (2003) enquanto dispositivo analítico. Esse movimento de estar em contato com o texto, produzindo sentidos, ao mesmo tempo, estimula o leitor se colocar numa posição de jogador que joga o “jogo do texto” (Iser, 1979).

Sendo, pois, o texto um jogo, o leitor é peça fundamental nessa dinâmica e, como tal, “ele permite que a inter-relação autor-texto-Leitor seja concebida como uma dinâmica que conduz a um resultado final” (Iser, 1979, p. 107). Entendemos aqui serem os resultados do ato de jogar o jogo do texto as descobertas de novos sentidos no contato com a materialidade. Então, ao fim, espera-se a descoberta de novos sentidos e significados da leitura de *Certidão de óbito* (Conceição Evaristo).

A leitura é aqui compreendida como ato de jogar e todo jogo vem acompanhado de suas instruções. O jogo da leitura aqui se constrói a partir da poética da escritora Conceição Evaristo e perseguem-se as seguintes etapas: 1. Leitura da poética escolhida seguindo as pistas do próprio texto; 2. Leitura a partir de uma perspectiva extratextual, situando outras textualidades; 3. Leitura ampliada dos sentidos do texto em que seja possível o transgredir e produzir novos sentidos de leitura a partir de um posicionamento crítico do leitor numa perspectiva necropolítica conceito cunhado pelo sociólogo Achele Mbembe (2003) enquanto política estatal capaz de determinar quem pode viver ou quem deve morrer.

Para a construção da proposta, portanto, ancoro-me no entendimento de Iser (1979) de que o texto é diferente daquilo que existe fora dele e tal diferença se dá “extratextualmente, intratextualmente e entre texto e leitor”; também nas pos-tulações de Hall (2003) de que é possível transpor uma leitura de *codificação* para a *decodificação* como um modo de alcançar uma multirreferencialidade de sentidos, as questões ideológicas que as conduzem os textos e leitores, resultando num exercício de “leitura estética e cultural” (Gomes, 2010). Por isso, a seguir, apresento as bases epistemológicas que guiam a metodologia de leitura do poema na segunda parte desse artigo, o quais são importantes de serem observados.

Lendo as pistas do próprio texto

A postura inicial de quem se aventura na compreensão de um texto é, justamente, enveredar-se por ele, pois a sua materialidade linguística será ponto de partida para qualquer outra aventura interpretativa. Assim, a leitura deve se dar de modo que se explore as pistas do próprio texto, sempre num movimento que é “intratextualmente” (Iser, 1979), fazendo as devidas articulações, observando aspectos temáticas, estilísticos, ou seja, as “constelações semânticas construídas no texto” (Iser, 1979, p. 107), de modo a compreender o gênero textual em questão em seus aspectos estéticos e discursivos.

Nessa perspectiva situa-se um movimento de leitura que Hall (2003) chama de *codificação* por estar atrelado a uma experiência já consolidada pela tradição e, por isso, é, muitas vezes, reprodutora dos sentidos, na medida em que é preciso apontar o que trata o texto num movimento de paráfrase. A leitura é de *codifica-*

ção porque está centrada no código e não há leitura que não se inicie por ele: “a recepção não é algo aberto e perfeitamente transparente, que acontece na outra ponta da cadeia de comunicação” (Hall, 2003, p. 354). Todavia, faz-se importante considerar que os sentidos são sempre “multiferenciais”, conforme Hall (2003), não aprisionados em sentido único e estão relacionados aos contextos e sentidos ideológicos, estratégia que orientará a segunda parte dessa experiência de leitura, pois de toda leitura brota relações e interrelações textuais e de sentidos, conforme observaremos a seguir.

Lendo a partir de uma perspectiva extratextual

O segundo movimento de leitura se dá na inevitável abertura que qualquer texto possui para relacionar-se com outros, independentemente do gênero do discurso. Assim, no ato de ler nasce a necessidade de interrelacionar, comparar, seja em termos de concordância ou não de sentidos; se dá sempre “extratextualmente” (Iser, 1979, p. 107). A ideia é um movimento “entre o texto e um mundo extratextual, assim como entre o texto e outros textos” (Iser, 1979, p. 108).

A partir do exposto, compreendermos que a experiência interpretativa, chamada aqui de “relação entre texto e um mundo extratextual”, situa os valores e contextos políticos de produção, vez que por detrás de qualquer materialidade linguística há sempre um sujeito que escreve e que, inevitavelmente, é tomado de ideologias que o constitui e, tais ideologias, refletem a historicidade do homem, atrelado a seus contextos históricos. Na esteira de Hall (2003) compreendemos que, todavia, que a o momento de produção não determina os sentidos, ao contrário, produz, uma “articulação” entre o momento de produção e o momento de consumo” e, é esse consumo momentâneo que tomamos como terceira estratégia de experiência ledora empreendida aqui, conforme observa-se a seguir. Em suma, textos podem ser aproximados nas relações entre si no que se refere a aspectos temáticos, estéticos, ideológicos, atitude essa que cabe ao leitor, interessado em explorar os sentidos e significados sempre a partir do tensionamento com diferentes textualidades. É esse movimento intertextual que contribuirá para produção de novos sentidos.

Quando é possível transgredir, ampliar e produzir novos sentidos de leitura

Partimos do princípio de uma leitura de decodificação, perseguindo o pensamento de Hall (2003, p. 357) de que a “decodificação não é hegemônica, de que se pode ler de formas diferentes e é isso que é a leitura”. Deve-se am-

pliar os sentidos do texto a partir da interpretação individual do leitor, de sua experiência particular de leitura, dores, angústias, prazer e desprazer, situando o que foi possível de descoberta no processo de leitura. É um movimento de “texto e leitor” (Iser, 1979, p. 108), “entre o que é denotado pelo mundo repetido no texto e o que essa denotação — agora a servir como um análogo que guia — pretende transgredir”.

O movimento que se espera é o de um leitor que seja o último e o primeiro, ou seja, o último leitor como aquele que tem uma percepção solitária, última e conforme seu ponto de observação, como bem nos provoca Piblia (2006). Aqui ancora-se também numa perspectiva de leitura subjetiva, cursiva ou autônoma (Rouxel, 2012), a qual “autoriza o fenômeno da identificação e convida a uma apropriação singular das obras. Favorecendo outra relação com o texto, significa um desejo de levar em conta os leitores reais” (Rouxel, 2012, p. 276) e, leitores reais, trazem suas posições no mundo para suas experiências de leitura e, inevitavelmente os aspectos culturais que os constitui e nos quais está inserido.

Inevitavelmente, a cultura do leitor permite vislumbrar possibilidades de leituras outras, a exemplo de uma proposta onde leitura e sociedade não podem ser desvinculadas, conforme nos orienta Gomes (2010) ao defender que “o gosto pela leitura pode ser despertado como uma prática de reflexão social” (Gomes, 2010, p. 28) e em que “os elementos estéticos sejam lidos como ideológicos” (Gomes, 2010, p. 28). Cabe destacar que uma proposta de leitor cultural se desdobra no que Gomes (2010) chama de “leitura interdisciplinar” onde “o leitor inclui questões de pertencimento identitário no roteiro de sua interpretação para identificar a camada ideológica explorada pelo autor” (Gomes, 2010, p. 29).

Os resultados positivos da experiência de “leitura interdisciplinar” dialogam com a proposta de leitura cursiva, pois esta possibilita ao leitor exprimir suas reações diante do texto e se interrogar sobre aquilo que sente e, por isso, “a leitura cursiva introduz [...] um espaço de liberdade para o sujeito leitor” (Rouxel, 2012, p. 276), de modo a aproveitar o sujeito que lê em sua completude e criticidade.

Cabe considerar que a criatividade e investimentos do leitor acontecem dentro de um espaço variável, mas limitado dos implícitos do texto, porém a subjetividade do leitor “ultrapassa a resposta às injunções do texto e surge de maneira imprevisível onde não é esperada” (Rouxel, 2012, p. 280). A partir dessa constatação, corroboro com o entendimento de Rouxel (2012) de que entre ficar “preso aos direitos do texto” e promover a experiência de leitura ainda que existam os transbordamentos subjetivos, é preferível ficar com a segunda opção, tendo em vista a situação atual de desaparego aos estudos literários.

***Certidão de Óbito* de Conceição Evaristo: das pistas poéticas à Necropolítica**

Conforme as abordagens anteriormente apresentadas a experiência de leitura literária se dá em níveis de interação com a textualidade que vai desde o contato com a materialidade textual até as intertextualidades que dele decorrem de modo a construir novos sentidos. Todavia, antes de qualquer leitura propriamente, o leitor tende a criar previsões a partir de elementos que ele dispõe de início, podendo ser o próprio título do da obra. Nesse caso em questão, trata-se de um poema intitulado *Atestado de óbito*, o qual remete a um documento emitido por um médico atestando a morte física de uma pessoa.

Outro preâmbulo a se considerar é o gênero textual, poema, cujo modo de expressão é carregado de figuras de linguagens, metáforas e tantos outros recursos expressivos, o que pode conduzir o leitor a uma compreensão mais abstrata ao deparar-se com o título *Atestado de óbito*. Cabe ainda considerar a autoria como indicativo de pistas de leitura, afinal a escrita de Conceição Evaristo está sempre comprometida com a temática afro-brasileira e experiências de corpos negros, sobretudo de mulheres negras.

Partindo do princípio dos horizontes de expectativas anteriormente apresentados, analisemos o poema *Certidão de óbito* de autoria da escritora Conceição Evaristo, a seguir considerando a materialidade poética:

Certidão de óbito

Os ossos de nossos antepassados
colhem as nossas perenes lágrimas
pelos mortos de hoje.

Os olhos de nossos antepassados,
negras estrelas tingidas de sangue,
elevam-se das profundezas do tempo
cuidando de nossa dolorida memória.

A terra está coberta de valas
e a qualquer descuido da vida
a morte é certa.

A bala não erra o alvo, no escuro
um corpo negro bambeia e dança.
A certidão de óbito, os antigos sabem,
veio lavrada desde os negreiros.

Conceição Evaristo

Certidão de óbito já pelo título direciona para uma expectativa de leitura em torno do tema da morte. Ao longo do poema, composto por três estrofes, um terceto, um quarteto e uma sextilha, respectivamente, compreende-se que a sentença de morte já é prefigurada no referido título [Certidão de óbito], sentença historicamente reservada à figura do negro. Há, assim, um resgate da violência sofrida por estes, do passado ao presente, como se observa já nos três primeiros versos “os ossos de nossos antepassados, colhem as nossas perenes lágrimas, pelos mortos de hoje”; há um fio de memória que conta uma narrativa de dor que se inicia “desde os negreiros”. Essa mesma memória é construída por uma construção semântica que orienta para os sentidos da morte: “ossos”, “lágrimas”, “valas”, “dor”, “sangue”.

É preciso considerar que a poética em questão surge enquanto uma possibilidade de denúncia das mazelas sofridas pelo sujeito negro, tema que compõe o repertório literário da escritora Conceição Evaristo. De origem pobre, mulher e negra, Evaristo faz de sua escrita uma marca de subjetividade ideológica rasurando o cânone literário, primeiro por seu lugar de fala, sua história e ancestralidade, elementos que são matéria prima de suas produções, as quais ela chama de *escrevivências*:

Quero a dinâmica das palavras pronunciadas no cotidiano, as que movimentam a vida e não as que dormem no dicionário. Vou ao dicionário, sim, para acordá-las e levá-las para se movimentarem no texto. E quando não as tenho disponíveis, invento, aglutino umas às outras. Mas sei também que palavra alguma dá conta da vida. Entre o acontecimento e o dizer sobre ele, o escrever sobre ele, fica sempre um vazio (Evaristo, 2020, p. 37).

Essa atitude *escrevivente* está demarcada na própria escolha dos pronomes possessivos tais como “nossos” em “nossos antepassados”, “nossas perenes lágrimas”, “nossa dolorida memória”, escolhas essas que dizem de uma intencionalidade lexical que acordem as palavras do sentido dicionarizado e frio. Esse modo de escrita baseada na experiência de corpos negros não se confunde com mera produção poética, mas emerge enquanto uma necessidade de dizer, uma poesia da destilação, conforme Audre Lorde (2009, p. 46) ao dizer “[...] falo aqui da poesia como destilação reveladora da experiência, não do estéril jogo de palavras que, tão frequentemente e de modo distorcido, os patriarcas brancos chamam de *poesia* — a fim de disfarçar um desejo desesperado de imaginação sem discernimento”.

Ampliando os sentidos de maneira crítica, mas sem desconsiderar o universo semântico disposto na poética em questão, faz-se considerar que o referido poema se apresenta enquanto uma estética política e crítica de uma cultura pautada na branquitude que, ao longo do tempo, relegou a nós, negros e negras, um lugar de desumanização e morte. A perspectiva de desumanização é denunciada no poema

e, ao mesmo tempo, resgata essa humanidade do negro ao reunir em si um universo semântico da anatomia humana: “ossos”, “olhos”, “corpo negro”. Negro é gente, de carne, ossos, mas, igualmente de sentimentos, alegria e dor, ainda que tenha sido desconsiderado e sido expropriado de direitos básicos à sobrevivência.

Conceição Evaristo consegue ironizar, por meio de sua poética, o fato de que aqueles que não tiveram direito à Certidão de Nascimento tenha por certo a Certidão de Óbito, tendo a morte por certeza, como se observa nos versos: “A bala não erra o alvo, no escuro/um corpo negro bambeia e dança”. Para os que não receberam e nem recebem a política da vida, a política da morte é certa. E nem sepultura lhes deram ou lhe dão o direito. Antes os tumbeiros, corpos ao mar; hoje as valas das periferias recebem corpos vitimados pelo tráfico, pela ação policial, pela “bala perdida”. O preto não pode viver?

“Certidão de óbito” nos direciona para uma memória literária que contribui para refletirmos a respeito do questionamento anteriormente apresentado, as quais tratam do tema da dor, sofrimento e massacre de pessoas negras, onde “a vida de um escravo, em muitos aspectos, é uma forma de morte em vida” (Mbembe, 2003, p. 132). Tomamos como exemplo *Navio Negreiro* (Castro Alves, 1870)², onde já se ouviu o grito “Senhor Deus dos desgraçados!” o “E o baque de um corpo ao mar...”, corpos negros em tumbeiro flutuante. Em *Essa Negra Fulô* (Jorge de Lima, 1947)³, o sofrimento, estupros e todo tipo de vexatória porque passa a Negra Fulô, confirma a política de morte vivenciada por mulheres negras estupradas por seus brancos senhores, já aportadas em terras brasileiras. “O Direito de matar” desde sempre relacionada com a política da morte” (Mbembe, 2003, p. 128).

Também é possível aproximar “Certidão de Óbito” de outras artes, exemplo do filme brasileiro “Quanto Vale ou é por quilo?” (2005), dirigido por Sérgio Bianchi, em que as estratégias de mortificação do corpo de mulheres e homens negros vão do uso dos mais antigos instrumentos de tortura aos mais sofisticados, como forma de subjugação dos corpos negros. Todavia, a escrita de Evaristo se diferencia na medida em que se coloca no lugar da experiência de quem vive a negritude revelada pelos pronomes possessivos “nossos” em “nossos antepassados”, “nossas lágrimas”.

Escapar da morte acaba sendo uma exceção para a regra que conduz o corpo negro para a vala, uma política de morte longe de apresentar-se um caso isolado, como nos aponta Emicida em sua canção, ao se referir ações policiais que costumeiramente resultam em mortes de pessoas negras, ação já denunciada em *Smália*:

2. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/poema-o-navio-negreiro-de-castro-alves>.

3. Disponível em: <http://culturaafm.cmais.com.br/radiometropolis/lavra/jorge-de-lima-essa-negra-fulo-1>.

Minha cor não é um uniforme
 Hashtag “Pretos no topo”, bravo
 80 tiros te lembram que existe pele alva e pele alvo
 Quem disparou usava farda (mais uma vez)
 Quem te acusou nem lá num tava (bando de espírito de porco)
 Por que um corpo preto morto
É tipo os hits das parada
 Todo mundo vê mas essa porra não diz nada
 [...]

 Duas fardas policiais
 Três no banco traseiro
 Da cor dos quatro Racionais
 Cinco vida interrompida
 Moleques de ouro e bronze
 Tiros e tiros e tiros
 O menino levou 111 (Emicida, 2021).

Evaristo torna sua estética uma oportunidade de ampliação de leitura aqui pensada a partir do conceito de Necropolítica cunhado pelo Filósofo Camaronês Achille Mbembe. Tal dispositivo nos ajuda a compreender a cultura em que estamos inseridos pela perspectiva necropolítica (Mbembe, 2003) enquanto “um projeto material de corpos humanos e populações” (Mbembe, 2003, p. 125) onde o Estado não apenas dita, mas cria as condições para definir quem deve viver e quem deve morrer. Na música *Smália* Emicida nos recorda dois casos que ganharam bastante notoriedade pelo grau de violência. O primeiro, o corrido em abril de 2019, o músico Evaldo Rosa teve seu carro fuzilado por militares do Exército com mais de 80 tiros enquanto ia para um evento com sua família; no segundo caso, 5 jovens negros também foram alvejados com 111 tiros disparados pela polícia militar, em novembro de 2015, também no Rio de Janeiro.

Mais recentemente, o Atlas da violência aponta que a política de morte continua a espreitar pessoas negras apontando, inclusive, para os riscos de naturalização dessa violência letal contra corpos negros. Em termo absolutos, conforme dados dos últimos 11 anos (2013-2023), o quantitativo de pessoas negras assassinadas cresceu consideravelmente ainda que tenha havido redução do número geral de homicídios:

Observa-se que, além do número absoluto de homicídios entre não negros ser consistentemente menor, sua redução ao longo do período de onze anos analisado foi mais significativa do que entre negros. Tal descompasso revela, com ainda mais clareza, o padrão de tratamento diferenciado, que se acentua ao analisarmos o risco relativo de homicídio: em 2023, uma pessoa negra tinha 2,7 vezes mais chances de ser vítima de homicídio do que uma pessoa não negra — aumento de 15,6% em relação a 2013. Ou seja, apesar dos avanços na diminuição geral dos homicídios, a desigualdade racial associada à violência letal não apenas persiste, como se intensifica (IPEA, 2025, p. 73).

Ao tratar mais especificamente a respeito dos dados sobre homicídio de mulheres no Brasil, o Atlas da Violência confirma a tendência de maior letalidade entre mulheres negras:

Em 2023, foram registradas 2.662 mulheres negras vítimas de homicídio, o que representa 68,2% do total de homicídios femininos. Dito de outro modo, estamos diante de uma taxa de 4,3 mulheres negras mortas por homicídio por grupo de 100 mil habitantes. Os números evidenciam o trágico encontro entre a cultura patriarcal e o racismo estrutural, ambos fortemente enraizados no Brasil. De modo que os dados dessa edição são mais um retrato, entre tantos, de uma violência de gênero (seja ela letal ou não letal) que dá preferência para corpos negros, e que é histórica. Nos últimos onze anos (2013 a 2023), os registros apontam para 30.980 mulheres negras vítimas de homicídio. No período, isso representa 67,1% do total das vítimas, considerando os registros com causa definida do óbito (IPEA, 2025, p. 57).

A política de morte é a mesma, só modificou sua forma de atuação e, desde sempre, “na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição de morte e tornar possível as funções assassinas do Estado” (Mbembe, 2003, p. 128). É de se considerar, então que, o poema *Certidão de óbito* de Conceição Evaristo, assim como as demais poéticas em diálogo, caminham no sentido de uma proposta estética com intervenções políticas e ideológicas que denunciam a política de morte da população negra instaurada pela sociedade brasileira de ontem até os tempos atuais. Assim, além da estética, observamos perspectivas sociológica, antropológica e filosóficas como elementos temáticos, a exemplo da *Necropolítica* de Achille Mbembe (2003), em diálogo com as questões étnico-raciais introjetados na cultura brasileira.

Considerações finais

Considerando as dimensões metodológicas para a leitura literária anteriormente elencadas, compreende-se a importância das diferentes concepções de leitura pelo leitor, especialmente os leitores mais especializados, tais como professores de Língua portuguesa, agentes diretos de letramento literário. É preciso considerar a leitura enquanto uma experiência construída a partir de diferentes perspectivas que conduzem, de fato, à uma aventura leitora tornando o ato de ler um ato de jogar com o texto.

Mediante o exposto, percebe-se a relevância de atentar-se para o antes da leitura em que o repertório do leitor se torna fundamental para uma melhor incursão literária, porém, sem desconsiderar elementos como o gênero literário, o título e sentidos apontados por ele, assim como a autoria e seu engajamento político-ide-

ológico. Na poética de Conceição Evaristo observa-se a necessidade de um olhar atento desde à titulação, a qual conduz o leitor a previsões de leitura no campo das denúncias de massacre de corpos negros como fator que se arrasta no tempo. Em outra camada, importa considerar o aparato linguístico e o campo semântico da tessitura literária, ou seja, as pistas do próprio texto “lágrimas”, “dor”, “valas”, dentre outras, importantes para a compreensão da denúncia feita pela autora.

Outro fator preponderante é a possibilidade que todo texto literário oferece para o leitor de ampliar sua experiência de leitura, o que acontece pela dimensão intertextual, explorando novos sentidos e significados, num movimento que é extratextual, contextual e relacional. A própria Conceição Evaristo já nos oferece pistas intertextuais ao fazer referência ao contexto de transporte de negros africanos por meio de embarcações chamadas de “Navios negreiros”, conforme observa-se no verso “veio lavrada desde os negreiros”. Contudo, outras relações podem e devem ser feitas em qualquer experiência de leitura literária e, no contexto da compreensão da literatura negra essa ação ganha relevância decolonial na medida em que a autoria negra fala dos seus contextos e com isso traz uma escrita carregada de uma memória coletiva.

Por fim, todo ato de ler deve conduzir a novas descobertas, ou seja, fazer suscitar sentidos que não estavam explícitos, mas que estavam funcionando em certa medida, tornando-o explícito, conforme foi possível de realizar a partir da aproximação entre a escrita poética de Evaristo e o dispositivo de análise social de Mbembe (2003), a Necropolítica. Essa compreensão social de uma política de morte autorizada pelo Estado para com as pessoas negras, conforme observamos em diferentes textos tencionados no processo de leitura aqui realizado, se traduz de um modo poético, mas, ao mesmo tempo carregado de indignação e denúncia, característica própria da escrita de memorialística e escrevivente de Conceição Evaristo, conforme foi possível constatar, portanto.

Referências

- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.
- CANDIDO, Antônio. **O direito à literatura**. In: CANDIDO, Antônio. Vários escritos. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011, p. 69-91.
- CRUZ, Maria de Fátima Berenice da. Experiências leitoras de uma leitura literária subjetiva. In: **Revista Interdisciplinar**, São Cristóvão, UFS, v. 35, jan-jun, p. 121-139, 2021.
- EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: **Escrevivência: a escrita de nós**. DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 26-46.

GOMES, Carlos Magno. Leitura e estudos culturais. *In: Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n.16, 2010, p. 25-44.

HALL, Stuart. Codificação e decodificação. *In: HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução: Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, p. 387-403.

IPEA. **Atlas da violência** (2025). Disponível em: 5999-atlasdaviolencia2025.pdf. Acesso em: janeiro de 2025.

ISER, Wolfgang. O jogo do texto. *In: LIMA, Luiz Costa. A Literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: paz e Terra, 1979, p. 105-118.

JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. *In: LIMA, Luiz Costa (Org. e Trad.). A Literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: paz e Terra, 1979, p. 67-84.

LANGLADE, Gérard. O sujeito leitor, autor da singularidade da obra. ROUXEL, Annie. Autobiografia de leitor e identidade literária. ROUXEL; LANGLADE; REZENDE (Orgs.). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. Trad. Rita Jouver-Faleiros. São Paulo: Alameda, 2013, p. 25-38.

LIMA, Luiz Costa. O leitor demanda da literatura. *In: LIMA, Luiz Costa. A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: paz e Terra, 1979, p. 37-66.

LORDE, Audre. A poesia não é um luxo. *In: LORDE, Audre. Irmã outsider*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, p. 45-49.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Disponível em: <https://www.procomum.org/wp-content/uploads/2019/04/necropolitica.pdf>. Acesso em: 05 de janeiro de 2025.

PIGLIA, Ricardo. Prólogo. *In: PIGLIA, Ricardo. O último leitor*. Tradução: Heloisa Jahn. Companhia das Letras, 2006, p. 7-10.

PIGLIA, Ricardo. O que é um leitor?. *In: PIGLIA, Ricardo. O último leitor*. Tradução: Heloisa Jahn. Companhia das Letras, 2006, p. 11-25.

PIGLIA, Ricardo. Leitores imaginários. *In: PIGLIA, Ricardo. O último leitor*. Tradução: Heloisa J